

ZIZEK, Slavoj. **Bem-Vindo ao deserto do Real: cinco ensaios sobre o 11 de setembro e datas relacionadas**. Tradução Paulo Cezar Castanheira. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003 (Estado de Sítio).

Subsídios de Estudo – Professor Sandro Luiz Bazzanella

“Com essa esquerda quem precisa de direita?”

PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA: UM ANO DEPOIS.

P. 09
Poder
militar

(nas 31 páginas do documento intitulado “A estratégia de Segurança Nacional”, lançado pela Casa Branca em 20 de setembro de 2002)? (...) o poder militar americano deve permanecer “fora de qualquer contestação” no futuro previsível;

P. 09
Direito de
atacar.

(...), a América tem o direito a ataques preventivos, ou seja, a atacar países que ainda não representam uma ameaça clara contra os Estados Unidos, mas que *poderiam* sê-lo no futuro;

P. 10
Agir

(...), os EUA devem se reservar o direito de agir independentemente caso não consigam reunir o apoio internacional suficiente.

P. 10
Aliados

(...), os EUA se reservam o direito último de *definir os “verdadeiros”* interesses de seus aliados.

P. 10
Escolha ?

(...) aqui se reproduz o velho paradoxo da escolha imposta, a liberdade de escolher com a condição de que se faça a escolha certa.

P. 11
MAD

(...) lógica MAD (Mutually Assured Destruction [Destrução Mútua Assegurada]) elaborada no apogeu da Guerra Fria.

P. 11
Estratégia
Imperfeita
MAD

(...), a estratégia MAD funcionava bem não porque fosse perfeita, mas exatamente por causa de sua imperfeição. A estratégia perfeita (...) tinha um defeito fatal: e se o lado atacante contar com o fato de que, mesmo depois do primeiro ataque, seu adversário continue agindo racionalmente?

P. 11
Não ter
certeza

(...). O que torna a estratégia eficiente é o fato mesmo de não se poder ter certeza de que ela vai funcionar perfeitamente: o que acontecerá se uma situação sair de controle por uma variedade de razões imagináveis.

P. 12
Doutrina
Bush
Fechamento

Hoje, o problema da “doutrina Bush” é que, com ela, o círculo se fecha e não há mais espaço para a “realista” abertura para o imprevisível que sustentava a doutrina MAD: a “doutrina Bush” se apóia na afirmação violenta da lógica paranóica do controle total sobre uma ameaça *futura* e de ataques preventivos contra ela.

P. 12
Preventivo

(...). O elo entre o presente e o futuro é fechado: a perspectiva de um ato terrorista assustador é hoje evocada para justificar incessantes ataques preventivos.

P. 12
Catástrofe
Ameaça

(...) a Catástrofe (o novo ataque terrorista) é considerada certa, mas ela é indefinidamente adiada. (...) a verdadeira catástrofe *já* é esta vida sob a sombra da ameaça permanente de uma catástrofe.

P. 13
Catástrofe
Presente

(...). O primeiro tipo de tragédia, a figura contra o cenário “normal”, é característico do Primeiro Mundo, ao passo que, em grande parte do Terceiro, catástrofe designa o próprio cenário sempre presente.

P. 13 Sedativo P. 13 Dormir e Sonhar	(...) a tese de que, longe de arrancar os EUA de seu sono ideológico, o 11 de Setembro foi usado como o sedativo que permitiu à ideologia dominante “renormalizar-se” (...) Até o dia 11 de setembro, quando os EUA foram vítima, e portanto, puderam reafirmar a inocência de sua missão (...), longe de acordar os EUA, o 11 de Setembro nos fez dormir outra vez, continuar nosso sonho depois do pesadelo das últimas décadas.
P. 14 Vitimização Confere Autoridade	(...) a lógica da vitimização. Apoiando-se na idéia de que a autoridade é conferida (apenas) aos que falam da posição de <i>vítima</i> , ele se baseava no seguinte raciocínio implícito: “Agora nós somos as vítimas, e isso que legitima o fato de falarmos (e agirmos) de uma posição de autoridade”.
P. 14 Ideologia Pura	(...) esse chamado ao enfrentamento da dura realidade é ideologia em estado puro. (...), o que estamos deixando de ver quando sonhamos o sonho da “guerra ao terror”? (...) depois de 11 de Setembro, o movimento anglobalização perdeu sua <i>raison</i> .
INTRODUÇÃO: A TINTA QUE FALTA	
P. 16 Crítica à ideologia	Não é esta a matriz de uma crítica eficaz da ideologia – não somente em condições “totalitárias” de censura, mas, talvez ainda mais, nas condições refinadas da censura liberal?
P. 16 Mistificação Situação	(...) atualmente todos os termos usados para descrever o presente conflito – “guerra contra o terrorismo”, “democracia e liberdade”, “direitos humanos”, etc. – são termos falsos, que mistificam nossa percepção da situação em vez de nos permitir pensá-la.
P. 16	(...) potencial antidemocrático do princípio de liberdade de pensamento.
P. 17 Pós-modern.	(...) a época pós-moderna, em que existe a liberdade de desconstruir, duvidar, distanciar-se?
P. 17 Kant Liberdade de Pensamento.	(...) Kant em seu “O que é o Iluminismo”: “Pense o quanto quiser, com toda a liberdade que quiser, mas obedeça!”. (...) oculto no raciocínio de Kant: a liberdade de pensamento não somente não solapa a servidão social real, mas na verdade a sustenta. (...) a única forma de garantir a servidão social é por meio da liberdade de pensamento.
P. 17 Escolha	(...) escolha imposta: você tem a liberdade de escolher o que quiser, desde que faça a escolha certa.
P. 18 Fundament. Democracia	(...) O que é problemático na forma com a ideologia dominante nos impõe esta escolha não é o fundamentalismo, mas a <i>própria democracia</i> : como se a única alternativa ao “fundamentalismo” fosse o sistema político da democracia parlamentar liberal.
1. PAIXÕES DO REAL, PAIXÕES DO SEMBLANTE.	
P. 19 Séc. XIX Utopias Séc. XX Coisa em si	(...). Ao contrário do século XIX dos projetos e ideais utópicos ou científicos, dos planos para o futuro, o século XX buscou a coisa em si – a realização direta da esperada Nova Ordem. O momento último e definidor do século XX foi a experiência direta do Real como oposição à realidade social diária – O Real e sua violência extrema como o preço a ser pago pela retirada das camadas enganadoras da realidade.
P. 19 Combate	(...) Ernest Jünger já celebrava o combate corpo-a-corpo como o autêntico encontro intersubjetivo: a autenticidade reside no ato de violenta transgressão, do Real lacaniano.
P. 20 Paixão pelo	(...) “paixão pelo Real” (...) visível na revolução cubana. Ao transformar necessariamente em virtude, a Cuba de hoje continua heroicamente a desafiar a lógica capitalista do

Real	desperdício e da obsolescência planejada.
P. 21 Imobilidade	(...) o paradoxo de, numa era frenética de capitalismo global, o principal resultado da revolução é reduzir a dinâmica social à imobilidade.
P. 21 Cuba e o Capitalismo	(...). Em cuba, a mobilização revolucionária oculta a estagnação social; no Ocidente desenvolvido, a atividade social frenética oculta a mesmice básica do capitalismo global, a existência de um Acontecimento...
P. 21 Cuba volta à Normalidade	(...). Paradoxalmente, a própria volta à normalidade capitalista anti-messiânica é sentida como o objeto da expectativa messiânica – aquilo que o país simplesmente espera, em estado e animação congelada.
P. 22 Cuba Castração.	Em Cuba, as próprias renúncias são sentidas/impostas como prova da autenticidade do Evento revolucionário – o que em psicanálise é chamado de lógica da castração. Toda a identidade político-ideológica se baseia na fidelidade à castração.
P. 22 Imobilizados	(...) a própria insistência no Evento levou à imobilização no plano do ser social positivo. As casas decadentes <i>são</i> a prova da fidelidade ao Evento.
P. 22	(...) Che (...) o Eterno (...) quando a eternidade intervém no tempo, este se imobiliza.
P. 22	A inércia obscena é a “verdade” do Sublime revolucionário.
P. 23 Real ???	E não seria o assim chamado terror fundamentalista também uma expressão da paixão pelo Real?
P. 23 Terror Acordar ???	(...). E não se poderia explicar (...), o terror fundamentalista de hoje, cujo objetivo é nos acordar, aos cidadãos do Ocidente, do entorpecimento, da imersão em nosso universo ideológico do dia-a-dia?
P. 23	(...) paradoxo fundamental da “paixão pelo Real” (...) <i>espetáculo teatral</i> .
P. 23 Devoção à Causa	(...). É evidente que a tal devoção à Causa (“Socialismo o muerte!”), uma vez que a Causa está corporificada no Líder, pode facilmente degenerar em o Líder decidir sacrificar, não a si próprio em prol do país, mas o país em prol de si mesmo, da sua Causa.
P. 23 Efeito do Real	(...). Se a paixão pelo Real termina no puro semblante do espetacular <i>efeito do Real</i> , então em exata inversão, a paixão pós-moderna pelo semblante termina numa volta violenta à paixão pelo Real
P. 24 Afirmção Liberdade	(...). O ato de cortar pode ser comparado, em si, às inscrições tatuadas no corpo, que simbolizam a inclusão daquelas pessoas numa ordem simbólica (virtual) – o problema das pessoas que se cortam é exatamente o oposto, ou seja, a afirmação da própria liberdade.
P. 24 Realidade	(...), o corte é uma tentativa radical de (re)dominar a realidade (...), basear firmemente o ego na realidade do corpo contra a angústia insuportável de sentir-se inexistente.
P. 25 Política sem Política	(...) da redefinição contemporânea da política como a arte da administração competente, ou seja, a política sem política; ou mesmo do multiculturalismo tolerante de nossos dias, a experiência do Outro sem sua Alteridade.
P. 25 Realidade Esvaziada	(...). A Realidade Virtual simplesmente generaliza esse processo de oferecer um produto esvaziado de sua substância: oferece a própria realidade esvaziada de sua substancia, do núcleo duro e resistente do Real.

P. 25	(...) a Realidade Virtual é sentida como a realidade sem o ser.
P. 25	(...) Jeremy Bentham – a realidade é a melhor aparência de si mesma.
P. 26 Paixão pelo Real Efeito espetacular	(...) Karl-Heinz Stockhausen (...) o impacto dos aviões contra as torres do WTC são obra de arte definitiva: pode-se entender o colapso das torres do WTC como a conclusão culminante da “paixão pelo Real” da arte do século XX – os próprios “terroristas” não o fizeram primariamente visando provocar dano material real, mas <i>pelo seu efeito espetacular</i> .
P. 26 Representar	(...) a falsidade dos <i>reality shows</i> : ainda que se apresentem como reais para valer, as pessoas que neles aparecem estão representando – representam a si mesmas.
P. 26 Penetrar a Coisa Real Emoção Efeito pelo Real	A verdadeira paixão do século XX por penetrar a Coisa Real (em última instância, o Vazio destrutivo) através de uma teia de semblantes que constitui a nossa realidade culminou assim na emoção do Real como o “efeito” último, buscado nos efeitos especiais digitais, nos <i>reality shows</i> da TV e na pornografia amadora, até chegar aos <i>snuff movies</i> . Esses filmes, que oferecem a verdade nua e crua, são talvez a verdade última da Realidade Virtual.
P. 26 Virtualização	(...). Existe uma ligação íntima entre a virtualização da realidade e a emergência de uma dor física infinita e ilimitada, muito mais forte que a dor comum.
P. 27 WTC pequena carnificina	(...) do colapso do WTC: (...), o que impressiona é ser tão pequena a quantidade de carnificina exibida – não se vêem corpos desmembrados, não há sangue, nem os rostos desesperados de pessoas agonizantes, num claro contraste com as catástrofes do Terceiro Mundo (...).
P. 28 Horror	(...). Não seria isso prova (...), mesmo nesse momento trágico, persiste a distância que nos separa deles, da realidade deles: o verdadeiro horror acontece <i>lá</i> , não <i>aqui</i> .
P. 28 Vida real Desmaterializada Espetáculo.	(...), a “vida social real” adquire de certa forma as características de uma farsa representada, em que nossos vizinhos se comportam “na vida real” como atores no palco... Mais uma vez, a verdade definitiva do universo desespiritualizado e utilitarista do capitalismo é a desmaterialização da “vida real” em si, que se converte num espetáculo espectral.
P. 29 Matrix Realidade material e virtual	(...) irmãos Wachowski, <i>Matrix</i> (1999), (...) a realidade material que todos sentimos e vemos à nossa volta é virtual, gerada e coordenada por um gigantesco megacomputador a que estamos todos ligados; quando acorda na “realidade real”, o herói, (...), se vê numa paisagem desolada cheia de ruínas carbonizadas – o que sobrou de Chicago depois de uma guerra global.
P. 30 Lógica oculta Ficção/Real	(...) a lógica que se oculta por trás da associação freqüentemente mencionada entre os ataques e os filmes-catástrofe de Hollywood: o impensável que havia acontecido era o objeto da fantasia, e assim, de certa forma, o Estados Unidos haviam transformado em realidade suas fantasias, e esta foi a grande surpresa.
P. 31 Hollywood Aparelho ideológico Real intruso na ilusão.	(...) Hollywood opera de fato como um “aparelho ideológico de Estado” (...) inverte as leituras padrão, segundo a qual as explosões do WTC seriam uma intrusão do Real que estilhaçou a nossa esfera ilusória: pelo contrário – antes do colapso do WTC, vivíamos nossa realidade vendo os horrores do Terceiro Mundo como algo que na verdade não fazia parte de nossa realidade social, como algo que (...) para nós existia como um fantasma espectral na tela do televisor.

P. 31 Realidade e Imagem	(...). Não foi a realidade que invadiu a nossa imagem: foi a imagem que invadiu e destruiu a nossa realidade (ou seja, as coordenadas simbólicas que determinam o que sentimos como realidade)
P. 31 Repetição	(...); o que devíamos nos ter perguntado enquanto olhávamos para os televisores no dia 11 de setembro é simplesmente: <i>onde já vimos esta mesma coisa repetida vezes sem conta?</i>
P. 32 Lacan Travessia da Fantasia Fantasia estrutura o excesso resiste à realidade	(...) a noção de Lacan da “travessia da fantasia” como o momento conclusivo do tratamento psicanalítico (...) do que deveria fazer a psicanálise: é evidente que ela deveria nos libertar da influência das fantasias idiossincráticas e nos permitir enfrentar a realidade como ela realmente é! Mas isso é exatamente o que <i>não</i> faz parte das idéias de Lacan – ele e deseja é quase exatamente o contrário. Na vida diária, estamos imersos na “realidade” (estruturada e suportada pela fantasia) e essa imersão é perturbada por sintomas que atestam o fato de que outro nível reprimido de nossa psique resiste a ela. “ <i>Atravessar a fantasia</i> ” – a saber, com a fantasia estrutura o excesso que resiste à nossa imersão na realidade diária.
P. 32 Fantasia Janus Realidade	(...) característica, remanescente de Janus, da fantasia: uma fantasia é simultaneamente pacificadora, desarmadora (pois nos oferece um cenário imaginário que nos dá condição de suportar o abismo do desejo do Outro) e destruidora, perturbadora, inassimilável na nossa realidade.
P. 33 Semblante do Real Virtualização Retorno ao Real Realidade	(...) a dialética do semblante e do Real não pode ser reduzida ao foto elementar de que a virtualização de nossas vidas diárias, a experiência de vivermos cada vez mais num universo artificialmente construído, gera a necessidade urgente de “retornar ao Real” para reencontrar terreno firme em alguma “realidade real”. O Real que retorna tem o <i>status</i> de outro semblante: <i>exatamente por ser real, ou seja, em razão de seu caráter traumático e excessivo, não somos capazes de integrá-lo na nossa realidade (no que sentimos como tal), e portanto somos forçados a senti-lo como um pesadelo fantástico.</i>
P. 34	(...) o próprio Real, para se manter, tem de ser visto como um irreal espectro de pesadelo.
P. 34 Núcleo duro do Real	(...) a lição da psicanálise é o contrário: <i>não deve tomar a realidade por ficção</i> – é preciso ter a capacidade de discernir, naquilo que percebemos como ficção, o núcleo duro do Real que só temos condições de suportar se transformarmos em ficção.
P. 34	(...). Muito mais difícil (...) é reconhecer a parte da ficção na realidade “real”.
P. 34 Contrário do Real é a realidade Irrealidade	(...) se o verdadeiro contrário do Real é a realidade, isso significa que, ao se cortar, elas na realidade estão tentando fugir não somente da sensação de irrealidade, da virtualidade artificial do mundo em que vivemos, mas do próprio Real que explode sob a forma de alucinações descontroladas que começam a nos assombrar quando perdemos a âncora que nos prende à realidade?
P. 36 Fantasia núcleo do ser	(...), a fantasia declarada forma o núcleo de seu ser, o que “existe nela mais do que ela própria”, e na verdade é o ato sexual o mecanismo de defesa contra a ameaça corporificada na fantasia.
P. 36 Desejo.	(...) para Lacan o verdadeiro objeto da angústia é a (excessiva) proximidade do desejo do Outro.
P. 37 Contrário de Existência É	(...) paradoxo de que, para realmente esquecer um acontecimento precisamos primeiramente criar a força para lembrá-lo. Para responder a este paradoxo, devemos ter em mente que o contrário de <i>existência</i> não é inexistência, mas <i>insistência</i> : o que não existe continua a existir, lutando para passar a existir (...) Schelling que, nas suas

<p>a insistência P. 37 Walter Benjamin Revolução remissão do Passado.</p>	<p><i>Pesquisas filosóficas sobre a essência da liberdade humana</i>, introduziu a distinção entre Existência e Terreno de Existência. (...). Numa leitura notável das “Teses sobre Filosofia da História”, de Walter Benjamin, Eric Santer desenvolve a noção benjaminiana de que uma intervenção revolucionária presente repete e redime as tentativas fracassadas do passado: os “sintomas” – traços passados que são retroativamente redimidos pelo “milagre” da intervenção revolucionária – “não são atos esquecidos, mas, pelo contrário, as <i>omissões</i> de ação que ficaram esquecidas (...).</p>
<p>P. 38 Disrupções.</p>	<p>Santner especifica a maneira como esses sintomas tomam a forma de disrupções da vida social “normal”, como participações nos rituais obscenos da ideologia dominante.</p>
<p>P. 38 Defesa</p>	<p>(...) explosão de violência a faz um sintoma – o mecanismo de defesa que cobre o vazio da incapacidade de intervir eficazmente na crise social.</p>
<p>P. 38 Ostalgia passado comunista Explosões Pós-comunis</p>	<p>(...) a causa última da <i>Ostalgia</i> (nostalgia pelo passado comunista) entre muitos intelectuais (e até mesmo entre pessoas comuns) da falecida República Democrática da Alemanha (...), mas do que <i>poderia ter acontecido</i>, da oportunidade perdida de uma outra Alemanha? (...), não seriam também as explosões pós-comunistas de violência neonzasista uma prova negativa da presença dessas oportunidades de emancipação, uma explosão sintomática de fúria que substitui a consciência de oportunidades perdidas?</p>
<p>P. 39 Revolucion.</p>	<p>(...), o vazio da oportunidade revolucionária perdida pode acabar explodindo em acessos “irracionais” de fúria destrutiva...</p>
<p>P. 39 Paixão pelo Real ??? Fuga</p>	<p>(...). O problema com a “paixão pelo Real” do século XX não é o fato de ela ser uma paixão pelo Real, mas sim o fato de ser uma paixão falsa em que a implacável busca do Real que há por trás das aparências é o <i>estratagema definitivo para evitar o confronto com ele</i> (...).</p>
<p>P. 39 Benjamin</p>	<p>(...) Walter Benjamin (...) “Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem humana em particular”.</p>
<p>P. 39 Benjamin Não existe outra linguagem</p>	<p>(...) não existe outra linguagem que não a humana – mas, para entender essa linguagem “particular”, somos obrigados a introduzir uma diferença mínima, imaginando-a em termos da distância que a separa da linguagem “em si” (a pura estrutura da linguagem, desprovida da insígnia da finitude humana, das paixões eróticas e da mortalidade, das lutas que visam à dominação e a obscenidade do poder)</p>
<p>P. 40 Habermas e a linguagem</p>	<p>(...)Habermas, que faz exatamente o que <i>não</i> se deve fazer: postula <i>diretamente</i> a “linguagem em geral” (universais pragmáticos) ideal como a norma da linguagem realmente existente.</p>
<p>P. 41 Excesso</p>	<p><i>Apocalypse Now Redux</i> (...), de Francis Ford Coppola, apresenta claramente as coordenadas do excesso estrutural do poder do Estado.</p>
<p>P. 42 Poder</p>	<p>(...) como o Poder gera seus próprios excessos, que depois tem de eliminar numa operação que forçosamente imita o que ele tem de combater (...).</p>
<p>P. 42 Corporificar Mal radical</p>	<p>(...). Dessa forma, entramos no domínio das operações secretas, do que o Poder faz sem admiti-lo. E o mesmo não é válido com relação às figuras hoje apresentadas pela mídia como a corporificação do Mal radical?</p>
<p>P. 42 Fascismo</p>	<p>(...) E não é verdade que o mesmo já aconteceu em relação ao fascismo? O Ocidente liberal teve de unir forças com o comunismo para se livrar de seu próprio crescimento</p>

Excessivo	excessivo.
P. 42 Excessos de supereu	(...) círculo vicioso do Sistema que gera os excessos de supereu e então é forçado a aniquilá-los: uma violência revolucionária que não seja baseada na obscenidade do supereu.
P. 43 Revolução ?	(...) o desejo pio de eliminar da revolução os seus excessos é simplesmente o desejo de ter uma revolução sem revolução.
P. 44 Igreja obscenidade	A própria Igreja Católica se apóia em (...) dois níveis de tais regras obscenas não-escritas. Primeiro há a Opus Dei, de triste fama, a “máfia branca” da Igreja, a organização (semi) secreta que de alguma forma corporifica a Lei pura além de toda legalidade positiva (...)
P. 44 Opus Dei	(...). “opus dei”, o trabalho de Deus (...) adotam a posição perversa de instrumento direto da vontade do grande Outro.
P. 44 Igreja e pedofilia	(...) o abuso de menores é um problema interno da Igreja; ou seja, um produto inerente à sua organização institucional simbólica, não somente uma série de casos criminais particulares de indivíduos que por acaso são padres.
P. 45 Núcleo da paixão pelo Real	O núcleo da “paixão pelo Real” é essa identificação com – esse gesto heróico de assumir integralmente – a obscenidade sujo do outro lado do Poder: a atitude heróica de que “alguém tem de fazer o trabalho sujo, então, mãos à obra!”, uma espécie de reverso espelhado da Bela Alma que não aceita se reconhecer no seu resultado.
P. 46 Coisa Real Espectro fantasmático Simbólico	(...) a Coisa Real é um espectro fantasmático cuja presença garante a consistência de nosso edifício simbólico, permitindo-nos evitar sua inconsistência constitutiva (“antagonismo”). Tomemos a ideologia nazista: o judeu como seu Real é um espectro evocado para esconder o antagonismo social (...), a figura do judeu nos permite perceber a totalidade social como um Todo orgânico.
P. 47 Agambem Cidadãos e não cidadãos	(...) <i>Homo sacer</i> , (...) Giorgio Agambem: a distinção entre os que se incluem na ordem legal e o <i>Homo sacer</i> . (...) perante a Lei, somos tratados como cidadãos, sujeitos legais, enquanto, no plano do obsceno supereu complementar dessa lei incondicional vazia, somos tratados como <i>Homo sacer</i> .
2 – REAPROPRIAÇÕES: A LICÇÃO DO MULA OMAR	
P. 49 Universo artificial Ameaça permanente Terroristas ?	(...). É a consciência de que vivemos num universo artificial isolado que gera a noção de que algum agente ominoso nos ameaça permanentemente com a destruição total. (...), os terroristas foram transformados num agente abstrato irracional – abstrato no sentido hegeliano de estar isolado da rede sócio-ideológica concreta que lhes deu existência. Toda explicação que evoque as circunstâncias sociais é desprezada como uma justificação disfarçada do terror, e toda entidade particular é lembrada apenas de forma negativa.
P. 50 11 de Set.	(...) tentar entender as diferentes tradições culturais é precisamente o que <i>não</i> se deve fazer para entender a dinâmica política que levou aos ataques de 11 de setembro.
P. 50 Ineficiência da ética De Habermas	(...) Jürgen Habermas (no discurso de aceitação do Prêmio dos Editores Alemães de 2001) se uniu a esse coro, enfatizando que o tempo do relativismo pós-moderno já havia passado. (Os acontecimentos de 11 de setembro indicam a absoluta impotência da ética habermasiana – quem ousaria afirmar que existe uma distorção do comunicação entre os maometanos e os liberais ocidentais?)
P. 51	(...) Não podemos deixar de pensar que a escolha do Afeganistão também foi determinada

<p>Afganistão ???</p> <p>P. 51 Falsear</p>	<p>por considerações econômicas: não é melhor manifestar a própria raiva contra um país o qual ninguém dá importância e onde não há mais nada a destruir?</p> <p>(...) A “guerra contra o terrorismo” funciona então como um ato cujo verdadeiro objetivo é nos acalmar, na falsamente segura convicção de que nada mudou realmente.</p>
<p>P. 52 Homologia Guerra a distância Administ.</p>	<p>(...). Devemos notar a homologia estrutural entre essa nova guerra a distância, em que o “soldado” (um especialista em computadores) aperta alguns botões e centenas de quilômetros de distância, e as decisões administrativas que afetam milhões (...) nos dois casos, a abstração esta inscrita num situação muito “real” – decisões que afetam milhares, e que às vezes provocam terrível confusão e destruição (...).</p>
<p>P. 52 Terrorismo e Guerra</p>	<p>E o “terrorismo” de hoje não passa do contraponto a essa guerra. A verdadeira ameaça de longo prazo são outros atos de terrorismo de massa, comparados ao quais a lembrança do WTC será pálida – atos menos espetaculares, mas muito mais horripilantes.</p>
<p>P. 52 Apogeu do Fetichismo é sua desmaterializ</p>	<p>(...) seremos forçados a afirmar que o fetichismo atinge seu apogeu precisamente quando o fetiche em si é “ desmaterializado”, transformando numa fluida entidade virtual “imaterial”; o fetichismo do dinheiro há de culminar com sua passagem à forma eletrônica (...) nesse estágio ele será capaz de assumir a forma de uma presença espectral indestrutível.</p>
<p>P. 53 WTC - Séc. XX</p>	<p>(...), a explosão e colapso das torres gêmeas do WTC em setembro de 2001 foram, pelo contrário, o último grito espetacular da guerra do século XX. O que nos espera é algo muito mais estranho: o espectro de uma guerra “imaterial”, em que o ataque é invisível.</p>
<p>P. 53 Nova era de guerras</p>	<p>Estamos entrando numa nova era de guerra paranóica em que a principal tarefa será identificar o inimigo e suas armas. Nessa nova guerra, os agentes vão cada vez menos assumir publicamente seus atos (...).</p>
<p>P. 53 Guerras secretas</p>	<p>(...); as medidas “antiterroristas” do Estado também são ocultas por um manto de segredo – e tudo isso forma o caldo de cultura ideal para teorias conspiratórias e paranóia social generalizada.</p>
<p>P. 53 Guerra de Videogames</p>	<p>(...), temos agora a guerra esvaziada de sua substância – uma guerra virtual lutada diante de telas de computadores, uma guerra que para seus participantes não passa de um videogame, uma guerra sem baixas (...).</p>
<p>P. 54 Guerra ???</p>	<p>(...) qual será o significado de “guerra” no século XXI? Quem serão “eles”, se ele não são claramente nem Estados nem gangues criminosas?</p>
<p>P. 54 Contradição</p>	<p>(...). Não corporificam a contradição última, com seu conteúdo particular ou exclusivo e funcionamento dinâmico global?</p>
<p>P. 56 1º mundo Causa ???</p>	<p>(...). Não seria o obverso dessa surpresa o triste fato de nós, nos países do Primeiro Mundo, acharmos cada vez mais difícil até mesmo imaginar uma Causa pública ou universal pela qual estivéssemos prontos a sacrificar a vida?</p>
<p>P. 56 Material e Espiritual ?</p>	<p>(...). Parece que a divisão entre o Primeiro Mundo e o Terceiro está mais na oposição entre viver uma vida longa e satisfatória cheia de riqueza material e cultural e viver uma vida dedicada a uma Causa transcendente.</p>
<p>P. 56/57 Nietzsche e Hegel Niilismo ??</p>	<p>(...) Hegel e Nietzsche. Não seria esse antagonismo o que existe entre o niilismo “passivo” e o “ativo” de Nietzsche? Nós, no Ocidente, somos os Últimos Homens de Nietzsche, imersos na estupidez dos prazeres diários, ao passo que os radicais muçulmanos engajados na luta estão prontos a arriscar tudo, até a autodestruição (...).</p>

P. 57 Hegel Senhor e escravo	(...), quando se examina essa oposição através das lentes da luta hegeliana entre o Mestre e o Servo, não se pode evitar um paradoxo: embora nós, ocidentais, sejamos percebidos como senhores exploradores, somos nós que ocupamos a posição de Servo que, por se prender à vida e seus prazeres, é incapaz de arriscar a vida (...).
P. 57 Choque ?	(...). Essa noção de “choque de civilizações”, entretanto, deve ser rejeitada de pronto: o que vemos hoje, pelo contrário, choque <i>no interior</i> de cada civilização.
P. 57 Islã???	(...) em séculos passados, o Islã sempre foi significativamente mais tolerante com as outras religiões do que o cristianismo.
P. 58 Capitalismo	(...). Não é verdade que todos os “choques” do mundo real estão relacionados ao capitalismo global?
P. 58 Interesses	(...), deveríamos voltar a focalizar o cenário econômico do conflito – o choque de interesses <i>econômicos</i> e dos interesses geopolíticos dos próprios Estados Unidos (...).
P. 59 Primazia do econômico	(...) os EUA são forçados a reconhecer explicitamente a primazia da economia sobre a democracia – ou seja, o caráter secundário e manipulativo das intervenções internacionais legitimadoras – quando afirmam proteger a democracia e dos direitos humanos.
P. 60 O Outro é o que projeto de mim.	(...). Toda característica atribuída ao Outro já está presente no coração mesmo dos EUA. Fanatismo assassino? Existem hoje nos EUA mais de dois milhões de “fundamentalistas” populistas de direita que também praticam seu próprio terror, legitimado pelo (seu modo de entender o) cristianismo.
P. 61	(...) o verdadeiro choque é o choque no interior de cada civilização.
P. 61 Limites	(...) as limitações de nossa democracia: tomam-se decisões que afetam o destino de todos nós, e todos nós apenas esperamos, cientes de nossa completa impotência.
P. 62 Inocência Transparente	(...). Mas são exatamente esses momentos de inocência transparente, de “volta ao básico”, em que o gesto de identificação parece “natural”, que são, do ponto de vista da crítica da ideologia, os mais obscuros, sendo até, de certa forma, a própria obscuridade.
P. 62 Momentos de inocência Transparente e ideologia	(...) momentos de inocência transparente (...) (as coisas são apresentadas na mais extrema nudez: um homem sozinho contra a força bruta do Estado) é sustentado por uma teia de implicações ideológicas que corporificam uma série de oposições: indivíduo <i>versus</i> Estado; resistência pacífica <i>versus</i> violência do Estado; homem <i>versus</i> máquina; força interior do indivíduo <i>versus</i> impotência da máquina poderosa...
P. 63 Artifício ideológico?	(...) a experiência dramática do 11 de Setembro serviu apenas como um artifício para a ideologia hegemônica americana ‘retornar ao básico’, reafirmar suas coordenadas ideológicas básicas contra a tentação antiglobalista e outras tentações críticas?”
P. 63 EUA e o mundo em que vivem.	(...) em 11 de setembro os EUA tiveram a oportunidade de entender a espécie de mundo de que eles fazem parte. (...) optaram por reafirmar seus compromissos ideológicos tradicionais: abaixo os sentimentos de responsabilidade e culpa em relação à miséria do Terceiro Mundo, agora <i>nós</i> somos as vítimas!
P. 64 Stalin	(...) Durante o discurso secreto de Nikita Krushchev no XX Congresso do Partido Soviético, em que ele denunciou os crimes de Stalin, vários delegados sofreram colapsos nervosos.
P. 64	(...). O que se rompeu foi sua ilusão “objetiva”, a figura do “grande Outro” contra cujo

<p>Ilusão objetiva do Outro</p>	<p>pano de fundo eles exerciam sua busca inexorável de poder: o Outro para o qual eles transpunham sua crença, o Outro que, de certa forma, acreditava em nome deles, seu sujeito encarregado das crenças, desintegrou-se.</p>
<p>P. 65 Antiglobaliz. Pós-modern. Vida real</p>	<p>O 11 de setembro (...) apropriado pelas causas ideológicas: desde alegações nos meios de comunicação de massa de que a antiglobalização acabou, até a noção de que o choque dos ataques ao WTC revelou o caráter insubstancial dos Estudos Culturais pós-modernos, suas de falta de contato com a “vida real”.</p>
<p>P. 65 Capitalismo</p>	<p>(...) o único meio de conceber o que ocorreu no dia 11 de setembro é localizá-lo no contexto dos antagonismos do capitalismo global.</p>
<p>P. 66 Evitar ???</p>	<p>(...). É essa a verdadeira lição dos ataques: a única forma de assegurar que isso não vai acontecer aqui é evitar que aconteça em qualquer lugar.</p>
<p>P. 66 Polícia !!!</p>	<p>(...) reafirmação do papel excepcional dos EUA como a polícia do mundo, como se a causa do ressentimento contra os EUA não fosse o excesso, e sim a falta, de poder.</p>
<p>P. 66 Ataque do Mal do 3º mundo</p>	<p>(...) resistir à tentação de uma dupla chantagem (...) posição da inocência americana sob o ataque do Mal que vem do Terceiro Mundo; se chamarmos a atenção para as causas sociopolíticas mais profundas do extremismo árabe, poderá parecer que nos limitamos a lançar a culpa sobre as vítimas, que afinal receberam apenas o que mereciam... (...).</p>
<p>P. 66 Dialética da totalidade</p>	<p>(...) A única solução possível é rejeitar exatamente essa posição e adotar simultaneamente as duas posições, o que somente poderá ser feito se nos valermos da categoria dialética da totalidade: não existe escolha entre as duas posições; cada um é tendenciosa e falsa.</p>
<p>P. 67 Limite da razão moral</p>	<p>(...) o limite da razão moral: do ponto de vista moral, as vítimas são inocentes, o ato um crime abominável, mas essa inocência não é em si inocente – adotar essa posição de “inocente” no universo do capitalismo global é em si uma falsa abstração.</p>
<p>P. 67 Os dois contra nós Não há escolha</p>	<p>(...) a questão é, pelo contrário, que os dois lados não são realmente opostos, eles pertencem ao mesmo campo. Resumindo, a posição a ser adotada é aceitar a necessidade de lutar contra o terrorismo, mas redefinir e expandir os termos, de forma a incluir também (alguns) atos dos americanos e de outras potenciais ocidentais: a opção entre Bush e Bin Laden não é a nossa escolha; os dois são “Eles” contra “Nós”.</p>
<p>P. 68 A morte de um individuo é absoluta.</p>	<p>(...) a única atitude aceitável é a solidariedade incondicional com <i>todas</i> as vítimas. A atitude ética correta é aqui substituída pela matemática moralizadora da culpa e do horror, que perde de vista um ponto importante: a morte terrível de todo indivíduo é absoluta e incomparável.</p>
<p>P. 69 Liberalismo Capitalista Mundo islâmico choque de fundamental.</p>	<p>(...) o liberalismo capitalista global que se opõe ao fundamentalismo maometano é ele próprio um modo de fundamentalismo, de forma que, na atual “guerra contra o terrorismo”, estamos na verdade diante de um choque de fundamentalismo. (...) esconde o paradoxo contrário (...) os fundamentalistas maometanos não são verdadeiramente fundamentalistas, já são “modernistas”, um produto e um fenômeno do capitalismo global moderno – representam a forma como o mundo árabe luta para se ajustar ao capitalismo global.</p>
<p>P. 70 Esquerda Saudosista</p>	<p>Quando tratamos com a esquerda atual, devemos sempre ter em mente o narcisismo da esquerda pela Causa perdida. (...). a atitude nostálgica da esquerda é: “Veja, nosso lado está perdendo!” “Qual lado?” Vamos saber amanhã quando soubermos qual lado perdeu”</p>
<p>P. 71</p>	<p>Com essa “esquerda”, quem precisa de direita? É natural, então que diante de loucuras</p>

Esquerda burra Ideologia da escolha necessária.	“esquerdistas” semelhantes, a facilidade com que a ideologia hegemônica se apropriou da tragédia de 11 de setembro e impôs sua mensagem básica foi ainda maior do que se poderia esperar dado o controle da direita e do centro liberal sobre os meios de comunicação de massa: acabaram-se os jogos fáceis, é preciso escolher lados – contra (o terrorismo) ou a favor.
P. 71 Escolha ???	(...) <i>é exatamente nesses momentos de aparente clareza de escolha que a mistificação é total.</i> A escolha que nos é proposta não é a verdadeira escolha.
P. 71 Complicação	Primeira complicação: seria hoje a escolha crucial a da democracia liberal <i>versus</i> fundamentalismo ou sua derivada (por exemplo, modernização <i>versus</i> resistência a ela)?
P. 71 Escolha !!!	(...) a verdadeira escolha é entre o capitalismo e seu Outro (representado no momento por correntes marginais como o movimentos antiglobalização).
P. 71 Capitalismo Obsceno	(...). Ao longo do século XX percebe-se o mesmo padrão: para esmagar seu verdadeiro inimigo, o capitalismo começou a brincar com fogo, e mobilizou seu excesso obscuro disfarçado de fascismo (...).
P. 72 Fascismo	(...). Significativamente, a guerra entre o capitalismo e o comunismo foi uma guerra fria, ao passo que a guerra quente foi lutada contra o fascismo.
P. 72 Guerra deles	(...), a guerra americana contra o terrorismo não é a nossa luta, mas uma luta interna do universo capitalista.
P. 73 Férias da História ?	(...) As “férias da história” dos EUA foram uma farsa: a paz americana foi comprada com catástrofes que aconteciam por toda parte. Nos dias de hoje, a imagem dominante é a de um olhar inocente que confronta o Mal indizível que atacou do Exterior (...).
P. 73 Mal	(...) dito hegeliano de que o Mal reside (também) no olhar inocente que percebe o Mal em tudo.
P. 73 Pureza ?	(...) o que ele não entendem é apenas a identidade especulativa hegeliana entre esse submundo e sua própria posição de falsa pureza.
P. 74 Justiça	Seria possível imaginar ironia maior que o fato de se ter escolhido o nome do código “justiça infinita” para a operação americana contra os terroristas (...).
P. 74 O mau infinito terror não acaba	(...) profundamente ambíguo: ou ele significa que os EUA têm o direito de destruir implacavelmente não apenas todos os terroristas, mas também todos os que lhe deram apoio material, moral, ideológico, e outros – e, por definição, esse processo não terá fim, no exato sentido hegeliano de “mau infinito”, a obra que nunca se completa, pois sempre haverá mais uma ameaça terrorista
P. 74 Justiça infinita E nós	(...) a justiça exercida deve ser verdadeiramente infinita no sentido hegeliano estrito – o de que ao se relacionar com os outros, ela tem de se relacionar consigo mesma: ou seja, que é preciso perguntar como nós, que exercemos essa justiça, estamos envolvidos com aquilo contra o que lutamos.
	3 – A Felicidade Depois do 11 de Setembro
P. 77 Felicidade ?	Em psicanálise, a traição do desejo tem um nome preciso: felicidade. Quando extamente se pode dizer que a pessoas são felizes?
P. 77/78	Três condições da felicidade na Tchecoslováquia no final da década de 1970:

<p>Felicidade Satisfação. O outro Responsável</p> <p>O outro Ocidente</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Suas necessidades materiais básicas eram satisfeitas – não <i>excessivamente</i> bem satisfeitas, pois o próprio excesso de consumo pode gerar infelicidade. 2. Uma segunda característica, extremamente importante: existia o Outro (o partido) para receber a culpa de tudo que estivesse errado, de forma que ninguém tinha de se sentir verdadeiramente responsável. 3. (...) havia um Outro Lugar (o Ocidente consumista) com que sempre se podia sonhar (...)
<p>P. 78 Felicidade</p>	<p>(...), a felicidade é para usar as palavras de Alain Badiou, não uma categoria de verdade, mas uma categoria de simples Ser e, como tal, confusa, indeterminada, inconsciente (...).</p>
<p>P. 78 Felicidade Política</p>	<p>(...). É um conceito <i>pagão</i>: para os pagãos, o objetivo da vida é ser feliz (a idéia de “viver felizes para sempre” é uma versão cristianizada do paganismo), e o sentido religioso e a atividade política são considerados as mais altas formas de felicidade (ver Aristóteles) (...).</p>
<p>P. 78 Felicidade princípio do prazer</p>	<p>(...), “felicidade” pertence ao princípio do prazer, e o que a solapa é a insistência em um além do princípio do prazer. (...) sentido lacaniano estrito (...) a “felicidade” se baseia na incapacidade, ou aversão, do sujeito de enfrentar abertamente as conseqüências de seu desejo: o preço da felicidade é permanecer o sujeito preso à inconstância do desejo.</p>
<p>P. 79 Hipócrita</p>	<p>(...). A felicidade e, portanto, intrinsecamente hipócrita: é a felicidade de sonhar com coisas que na verdade não queremos.</p>
<p>P. 80 Conhecer ??</p>	<p>Os conservadores, (...), plenamente justificados em legitimar sua oposição ao conhecimento radical em termos de felicidade: o saber é o gerador último da infelicidade.</p>
<p>P. 80 Lacan: não queremos saber demais</p>	<p>(...), Jacques Lacan afirma que a atitude espontânea do ser humano é a de que “não quero saber disso” – uma resistência fundamental contra saber demais. Todo progresso do conhecimento tem de ser conquistado ao preço de uma luta dolorosa contra nossas propensões espontâneas (...).</p>
<p>P. 81</p>	<p>Lacan (...) condição paradoxal desse <i>conhecimento do conhecimento do Outro</i>.</p>
<p>P. 82 Enigma do saber do Outro ???</p>	<p>(...). Esse é o enigma do conhecimento: como é possível que toda a economia psíquica de uma situação se altere radicalmente, não quando o herói fica sabendo diretamente de algo (...), mas quando ele é <i>informado de que o outro</i> (que ele imagina ignorar) <i>também sabia o tempo todo</i> e só fingia não saber para manter as aparências (...)</p>
<p>P. 82 Habermas Tradição iluminista Ignorância abençoada.</p>	<p>(...), quando Habermas defende restrições à manipulação genética referindo-se à ameaça que ela oferece para a autonomia, a liberdade e a dignidade humana, ele está “trapaceando” filosoficamente, ocultando a verdadeira razão por que sua linha de argumentação parece tão convincente: ele está se referindo realmente não à autonomia e à liberdade, mas à felicidade – é em prol da felicidade que ele, o grande representante da tradição iluminista, acabou aliando dos advogados conservadores da ignorância abençoada.</p>
<p>P. 83 Constelação ideológica da felicidade Multicultural</p>	<p>Que constelação ideológica mantém essa “busca da felicidade”? (...) articulação da ideologia multiculturalista liberal hegemônica (...) somos todos diferentes – alguns dos nós são grandes, outros são pequenos; alguns sabem lutar, outros sabem como fugir -, mas precisamos aprender a viver com essas diferenças, entendê-las como algo que torna mais ricas as nossas vidas (...).</p>
<p>P. 83 Diferentes ?</p>	<p>(...). Externamente parecemos ser todos diferentes, mas por dentro somos todos iguais – indivíduos assustados, perdidos no mundo, carentes da ajuda do próximo.</p>
<p>P. 84</p>	<p>É natural que mensagem final dos filmes (...) sabedoria pagã: a vida é um ciclo eterno em</p>

<p>Sabedoria pagã P. 84 Colaboração na diferença Ideologia em estado de pureza Pluralidade</p>	<p>que as gerações mais velhas são substituídas pelas mais novas, em que tudo que aparece tem de desaparecer mais cedo ou mais tarde... (...) a mensagem da colaboração na diferença é ideologia em estado de pureza – por que? Exatamente porque toda noção de <i>antagonismo</i> “vertical” que atravesse o corpo social é rigidamente censurada, substituída por e/ou transformada em uma noção inteiramente distinta de diferenças “horizontais” com as quais temos de aprender a viver, porque cada uma complementa as outras. A visão ontológica subjacente aqui é a de pluralidade irreduzível de constelações particulares, cada uma das múltiplas e deslocada em si mesma, que nunca será subsumida em nenhum continente universal neutro.</p>
<p>P. 85 Universo pessoal impossível</p>	<p>(...) o problema central é visto como o da universalidade impossível. (...) a universalidade – o espaço compartilhado de compreensão entre culturas diferentes – deve ser entendida como uma tarefa sem fim de tradução, uma constante reorganização da posição particular de cada um.</p>
<p>P. 85 Espaço neutro ???</p>	<p>(...). A verdadeira universalidade não é o nunca conquistada espaço neutro da tradução de uma determinada cultura em outra, mas, pelo contrário, a violenta experiência de como, através do divisor cultural, temos o mesmo antagonismo em comum.</p>
<p>P. 85 Resistência Ao Poder Central</p>	<p>(...) Hollywood destila a mensagem ideológica real (...). A atitude hegemônica de hoje é a da “resistência” – toda a poética das multidões marginais dispersas, as sexuais, étnicas, e de estilos de vida (gays, doentes mentais, prisioneiros...) “resistem” a misterioso Poder (...) central.</p>
<p>P. 85 Discurso da resistência Ideológico</p>	<p>(...) conclusão lógica de que esse discurso da “resistência” é a norma hoje e, como tal, o principal obstáculo à emergência do discurso que realmente colocaria em questão as relações dominantes. (...) atacar o próprio cerne dessa atitude hegemônica, a noção de que o “respeito pelo Outro” é o axioma ético mais elementar.</p>
<p>P. 86 Reduzir o Outro Totalitarismo Vítimas</p>	<p>(...). Não devemos jamais reduzir o Outro a nosso inimigo, a defensor do falso conhecimento, e assim por diante: nele ou nela sempre há de existir o Absoluto do impenetrável abismo de outra pessoa. O totalitarismo do século XX, com seus milhões de vítimas, mostrou o resultado último de seguir até o fim o que nos parece uma “ação subjetivamente justa” (...)</p>
<p>P. 87 Prova ética Multidão Diversidade global</p>	<p>(...). A verdadeira prova ética é não somente a disposição de salvar as vítimas, mas também – talvez até mais – a dedicação implacável à aniquilação dos que fizeram as vítimas. O que a ênfase na multidão e na diversidade disfarça é, naturalmente, a monotonia subjacente à vida global de hoje.</p>
<p>P. 88 Deleuze</p>	<p>(...) pertinente com relação à análise social: existe coisa mais monótona que a poesia deleuziana da vida contemporânea como a proliferação de diferenças não totalizáveis?</p>
<p>P. 88 Kierkegaard A ideologia num contexto pós-ideológico</p>	<p>(...) dilema de Kierkegaard relativo à “doença até a morte”? Temos medo de descobrir não que somos mortais, mais, pelo contrário, que somos <i>imortais</i>. (...) ligar Kierkegaard a Badiou: é difícil, verdadeiramente traumático, para um animal humano, aceitar que sua própria vida não é apenas um processo estúpido de reprodução e busca do prazer, mas que ele está a serviço de uma Verdade. E é assim que a ideologia parece trabalhar hoje, no nosso autoproclamado universo pós-ideológico: executamos nossos mandatos simbólicos sem admiti-los sem “levá-los a sério”(...).</p>
<p>P. 89 Era pós-moderna</p>	<p>(...), por meio de todos esses deslocamentos, <i>contou-se a mesma velha história</i>. Em resumo, a verdadeira função desses deslocamentos e subversões é exatamente tornar relevante para a nossa era “pos-moderna” a história tradicional – e dessa forma evitar que</p>

Narrativas	ela seja substituída por uma nova narrativa.
P. 90 Zombar	(...) hoje, os crentes são assim – zombam de suas crenças, apesar de continuar a praticá-las, ou seja, apoiar-se nelas como a estrutura oculta de suas práticas diárias.
P. 90 Homo otarius Ideologia e controle	(...), se me permitem uma alusão de mau gosto ao <i>homo sacer</i> de Agambem, quero afirmar que o modo liberal dominante de subjetividade hoje é o <i>Homo otarius</i> : ao tentar manipular e explorar os outros, acaba sendo ele o verdadeiro explorado. Quando imaginamos estar zombando da ideologia dominante, estamos apenas aumentando seu controle sobre nós.
P. 91 1ª L - Outro	(...) duas lições (...). A primeira, é que devemos tomar o cuidado de não atribuir ao Outro a fé ingênua de que somos incapazes, transformando-o em um “sujeito que se supõe ter fé”.
P. 91 Fascismo	(...), na história da emergência do fascismo, a comédia <i>precedeu</i> a tragédia, o horror último surge (é visto) inicialmente como uma comédia de opereta.
P. 92 2ª L – lutar	A segunda lição: em vez de ceder o território ao inimigo já de início, temos de lutar até por noções que pareçam pertencer “naturalmente” ao inimigo.
P. 94 Intelectuais Progressistas Sucumbiram	(...), o mesmo não se aplica a todos nós hoje – todos nós, intelectuais ocidentais “progressistas” que se arvoram em juizes dos trabalhadores de nossa sociedade e das multidões do Terceiro Mundo que traíram suas vocação revolucionária e sucumbiram às tentações capitalistas ou nacionalistas?
P. 94 Falta de coragem	(...) precisamos hoje é de uma nova coragem, e é a falta dessa coragem (que é sempre a coragem de questionar a <i>própria</i> posição) que mais se evidencia na reação dos intelectuais americanos (e europeus) ao 11 de Setembro e suas consequências.
P. 95 Nazismo Socialismo Totalitaris. de massas	(...) o que torna o nazismo repulsivo não é a retórica da solução final em si, mas o traço concreto que atribui a ela. (...) o caráter presumidamente “protofascista” da coreografia de massa exibida nos movimentos disciplinados de milhares de corpos (paradas, exposições de massa nos estádios, etc.); (...) observamos o mesmo espetáculo no socialismo impõe a conclusão de que existe uma “solidariedade mais profunda” entre os dois “totalitarismos”.
P. 95 Genealogia Nietzschiana Eventos históricos Fascismo	(...) a genealogia nietzschiana leva em conta a ruptura constitutiva de um novo evento histórico; nenhum dos elementos “protofascistas” é fascista <i>per se</i> , a única coisa que os torna “fascistas” é a articulação específica – ou, expresso nas palavras de Stephen Jay Gould, todos esses elementos são “ex-aptados” pelo fascismo. (...), não existe o “fascismo <i>avant la lettre</i> ”, porque <i>é a letra em si (a atribuição do nome) que cria o fascismo propriamente dito do conjunto de elementos.</i>
P. 97 Fonte de Mal Absolutizar Posições Reconhecim. Relatividade contingência	A primeira reação (...), de um liberal democrata pós-moderno (...) hoje essa é precisamente a fonte de todo Mal – pessoas que pensam ter uma linha direta com Deus (Verdade, Justiça, Democracia ou algum outro Absoluto), e que se sentem justificadas ao denunciar os outros, seus adversários, de terem uma ligação direta com o inferno (Impérios ou Eixos do Mal); contra essa absolutização, devemos modestamente aceitar que todas as nossas posições são relativas, condicionadas por constelações históricas contingentes, de forma que ninguém tem soluções definitivas, apenas soluções pragmáticas temporárias.
P. 98 Relativismo	(...) a aparente modesta relativização da própria posição é a forma como aparece exatamente o seu contrário, o privilegiamento desta posição de enunciação.
P. 98 Ideologia	(...) o significado ideológico de um elemento não está no próprio elemento, mas na forma como ele é “apropriado”, como é articulado (...).

P. 98 Democracia Fetiche político	(...). A democracia é hoje o principal fetiche político, a rejeição dos antagonismos sociais básicos: na situação eleitoral, a hierarquia social é momentaneamente suspensa, o corpo social é reduzido a uma multidão pura passível de ser contada, e aqui também o antagonismo é suspenso.
P. 98 Paradoxos	(...). Esse é o grande paradoxo da democracia: dentro da ordem política existente, toda campanha conta a corrupção termina cooptada pela extrema direita populista.
P. 99 Ilusão	(...). A idéia de uma “democracia honesta” é uma ilusão, assim com a noção da ordem do Direito sem o suplemento de seu supereu obscuro (...).
P. 99 Ordem política democrática esquerda	(...). A ordem política democrática é por sua própria natureza suscetível à corrupção. A escolha última é: aceitamos e endossamos essa corrupção com um espírito de sabedoria resignada e realista, ou reunimos a coragem para formular uma alternativa de esquerda à democracia para quebrar esse círculo viciosos de corrupção democrática e a campanha direitista para se livrar dela?
P. 99 Impossível Socialismo s/ violência	(...) Salvador Allende: na medida em que tentou combinar socialismo com “democracia pluralista” (...) herói negativo cuja tarefa era demonstrar, por meio de sua própria derrota (morte trágica em 1973), a impossibilidade de socialismo sem violência, pela via parlamentarista “suave”(...).
P. 100 Marx Distinções	(...) existe em Marx a distinção implícita entre “classe operária” – uma categoria simples de Ser social –e “proletariado” – uma categoria de Verdade, o Sujeito revolucionário propriamente dito).
P. 101 Duas faces da atual Ideologia Espontânea global	(...) a frase de Napoleão, “ <i>um ataque, puis un verra</i> ”, sempre citada por Lênin. A característica interessante dessa expressão é ela combinar voluntarismo, uma atitude ativa de assumir riscos, com um fatalismo mais fundamental: a pessoa age, dá um salto no escuro e espera que as coisas terminem bem.... E se essa atitude for exatamente a necessária hoje, quando estamos divididos entre o pragmatismo utilitário ocidental e fatalismo oriental como as duas faces da atual “ideologia espontânea” global?
P. 101 Oposição ???	(...) a oposição entre o populismo de direita e a tolerância liberal era falsa, que estamos tratando com os dois lados da mesma moeda.
4. DE HOMO OTARIUS A HOMO SACER	
P. 103 Beco sem saída do revolucioná..	(...) propaganda católica, demonstrou o beco sem saída básico em que se colocam os críticos pseudo-revolucionários da religião: começam denunciando a religião como a força de opressão que ameaça a liberdade humana; mas, para lutar contra a religião, obrigam-se a abrir mão da liberdade em si, sacrificando assim exatamente o que queriam defender.
P. 103 Universo Cinzento Terror Tirania Igualdade	(...). O universo radical ateu, privado da referência religiosa, é o universo cinzento do terror e tirania igualitários: (...) não admiramos, e mal desculpamos, o fanático que destrói o mundo em nome do amor ao próximo. Mas o que vamos dizer do fanático que destrói este mundo em nome do ódio ao próximo? Ele sacrifica a própria existência da humanidade em nome da não existência de Deus.
P. 104 Liberdade Democracia	(...), os guerreiros liberais ficam tão ávidos para lutar contra o fundamentalismo antidemocrático que terminam por eliminar a liberdade e a democracia, se isto for necessário para lutar contra o terrorismo?

P. 104 Destruir nosso Mundo	(...) estão prontos a recair na posição de que é preciso limitar nossa própria liberdade aqui e agora, nas nossas sociedades supostamente cristãs. (...) nossos guerreiros contra o terrorismo estão prontos a destruir seu próprio mundo democrático por ódio ao outro muçulmano.
P. 104 Desprezo p-moderno Ideologia	E o mesmo não se aplica ao desprezo pós-moderno pelas grandes causas ideológicas – pela noção de que, em nossa era pós-ideológica, em vez de tentar mudar o mundo, deveríamos reinventar a nós mesmos, todo nosso universo, engajando-nos em novas formas (sexuais, espirituais, estéticas....) de práticas subjetivas?
P. 105 Privacidade Autenticid//. Retiro na privacidade Nova coletividade	(...). fuga para a privacidade hoje significa adotar as fórmulas de autenticidade privada propagadas pela indústria cultural recente – desde as ligações sobre o iluminamento espiritual, a última mania cultural e outras modas, até as atividades físicas da corrida e do fisioculturismo. A verdade última do retiro na privacidade é a confissão pública de segredos íntimos num programa de TV – contra essa espécie de privacidade, devemos enfatizar que hoje a única forma de romper as restrições da mercadização alienada é inventar uma nova coletividade.
P. 105 Subjetivid// ???	O resultado último da subjetivação global não é o desaparecimento da “realidade objetiva”, mas o desaparecimento de nossa própria subjetividade, que se transforma num capricho fútil, enquanto a realidade social continua seu curso.
P. 106 Pós- modernos Sujeitos ???	(...) a resposta correta às dúvidas pós-modernas acerca da existência do grande Outro é que é o próprio sujeito que não existe... (...) nossa era (...) encontra seu suplemento lógico em livros de títulos semelhantes a <i>Como desaparecer completamente</i> : manuais que ensinam a apagar todos os traços da existência anterior para se “reinventar” completamente.
P. 107 Interior	(...). A lógica de uma “viagem interior”, levada ao extremo, nos coloca diante do vazio da subjetividade e assim obriga o sujeito a assumir sua completa dessubjetivação (...).
P. 107 Adorno e Horkheimer Esclarecim.	(...) lição de Adorno e Horkheimer em <i>Dialética do Esclarecimento</i> ? As principais vítimas do positivismo não são confusas noções metafísicas, mas os próprios fatos; a busca radical da secularização, o desvio em direção à própria vida mundana, transforma a vida em si num processo “abstrato” anêmico.
P. 108 Obra de Sade Sexualidade	(...) obra de Sade, onde a afirmação irrestrita da sexualidade esvaziada dos últimos vestígios de transcendência espiritual transforma a própria sexualidade num exercício mecânico desprovido de autêntica paixão sensual.
P. 108	(...) é justificável que se faça a pergunta paulina: “Quem está realmente vivo hoje?”
P. 109 Leninista	(...) para um leninista, o nome definitivo da direita contra-revolucionária é o próprio “centro”, o medo de introduzir um desequilíbrio radical no edifício social.
P. 109 Nietzsche o que torna a vida digna de ser vivida	(...) paradoxo nietzschiano o fato de o grande perdedor nessa aparente afirmação da Vida contra todas as Causas transcendentais ser a própria vida. O que torna a vida “digna de ser vivida” é o próprio excesso de vida: a consciência da existência de algo pelo que alguém se dispõe a arriscar a vida (podemos chamar de excesso de “liberdade”, de “honra”, “dignidade”, “autonomia”, etc.).
P. 110 Últimos Homens Sobreviver ?	A postura sobrevivencialista “pós-metafísica” dos Últimos Homens termina num espetáculo anêmico da vida a se arrastar como sombra de si mesma. É nesse horizonte que devemos entender a crescente rejeição da pena de morte: devemos ser capazes de discernir a “biopolítica” oculta que sustenta essa rejeição.

P. 110 Prazer Controlado	(...) num “mundo supervisionado em que vivemos sem dor, em segurança – e tendenciosamente”, um mundo em que, em nome de seu objetivo oficial – uma vida longa e prazerosa –, todos os prazeres reais são proibidos ou estritamente controlados.
P. 110 Fundamenta- lismo Cristão	(...) a versão fundamentalista cristã e abertamente racista de “defesa do Ocidente” e a versão liberal tolerante da “guerra contra o terrorismo”, que se propõe a salvar os próprios maometanos da ameaça fundamentalista (...), as duas estão envoltas na mesma direção dialética autodestrutiva.
P. 111 Agambem	(...) a distinção de Agambem entre o cidadão total e o <i>Homo sacer</i> que apesar de um ser humano vivo, não é parte da comunidade política.
P. 111 Excluídos Ajuda Humanitária	(...). Os excluídos são não apenas os terroristas, mas também os que se colocam na ponta receptora da ajuda humanitária (ruandeses, bósnios, afegãos...) o <i>Homo sacer</i> de hoje é o objeto privilegiado da biopolítica humanitária: o que é privado da humanidade completa por se sustentado com desprezo.
P. 112 Ajuda	(...) talvez os que são vistos como recipientes da ajuda humanitária sejam as figuras modernas do <i>Homo sacer</i> .
P. 112 Sociedade Do risco	(...) Portanto, com relação à idéia de que vivemos numa sociedade de escolhas arriscadas, podemos afirmar que alguns (os diretores da Enron) fazem as escolhas, ao passo que outros (os empregados comuns) correm os riscos.
P. 113 Guerra ao terrorismo Criminosos Defender-se	(...). Esse paradoxo está inserido na própria noção de “guerra ao terrorismo” – uma guerra estranha em que o inimigo é considerado criminoso mesmo que se limite a se defender e responda ao fogo como fogo. Surge então um nova entidade que nem é o soldado inimigo nem o criminoso comum: os terroristas da Al-Qaeda não são soldados inimigos, são “combatentes ilegais”; mas também não criminosos comuns (...)
P. 113 Inimigo	(...) o que está surgindo (...) exatamente a figura do Inimigo político, excluído do espaço político propriamente dito.
P. 113 Nova ordem global Dois tipos de conflito	Essa é outra faceta da nova ordem global (...). O que sobra são dois tipos de conflito: ou as lutas entre grupos de <i>Homo sacer</i> – “conflitos étnicos-religiosos” que violam as regras dos direitos humanos universais não são considerados guerras propriamente ditas e exigem a presença da intervenção “pacifista humanitária” das potências ocidentais – ou ataques diretos contra os EUA ou outro representante da nova ordem global.
P. 113 Guerra ???	(...), não existe uma guerra propriamente dita, apenas, “combatentes ilegais” que criminosamente resistem às forças da ordem universal.
P. 114 Guerra ???	(...). Deixa de existir assim a oposição entre guerra e ajuda humanitária: as duas são intimamente ligadas (...).
P. 114/115 Nova Ordem E Fundament.	(...) oposição entre a Nova Ordem Mundial e seu Inimigo fundamentalista (...), a Nova Ordem Mundial se apresenta como o universo tolerante das diferenças, da coexistência de culturas particulares; ao passo que o Inimigo é retratado como o Um exclusivo fanático e intolerante.
P. 115 Todos excluídos Biopolítica	(...). E se o problema (...), o fato de, no nível mais elementar, sermos <i>todos</i> “excluídos” no sentido de nossa posição “zero” mais elementar ser a de um objeto da biopolítica, e de alguns possíveis direitos políticos e de cidadania nos serem dados como um gesto secundário, de acordo com considerações biopolíticas estratégicas?

P. 115 Campo de concentração	(...) direitos humanos, democracia, domínio do direto e outros se reduzem em última análise a uma máscara enganosa para os mecanismos disciplinadores do “biopoder”, cuja expressão última é o campo de concentração do século XX.
P. 115/116 Análise histórico-política Pessimista	(...) uma análise histórico-política “pessimista” (a sociedade de hoje vista como aquela em que a própria distância entre a vida política e a vida nua está desaparecendo, e na qual o controle e administração da “vida nua” são afirmados diretamente como a essência mesma da política – que percebe os fenômenos “totalitários” como “desvios” contingentes do projeto iluminista (...)).
P. 116 Mundo administrado Ideológico ?	A noção “totalitária” de um “mundo administrado”, em que a experiência mesma da liberdade subjetiva seja a forma como surge a sujeição a mecanismos disciplinadores, é na verdade o verso fantasmático obscuro da ideologia (e prática) pública “oficial” da autonomia individual e da liberdade (...)
P. 116 Completa passividade Sujeitos	A completa passividade é a fantasia política proibida que mantém nossa experiência consciente como sujeitos ativos e autodefinidores – é a perversa fantasia definitiva: a noção de que, no mais íntimo de nosso ser, somos instrumentos da <i>jouissance</i> do Outro (Matriz), esvaziados da substância da vida como baterias.
P. 117 <i>Jouissance</i>	(...) a tese lacaniana fundamental segundo a qual o próprio grande Outro, longe de ser uma máquina anônima, exige o influxo constante de <i>jouissance</i> .
P. 118 Agambem Democracia	À análise de Agambem não se pode negar o caráter radical de questionar a noção mesma de democracia; ou seja: a noção de <i>Homo sacer</i> não pode ser diluída como elemento de algum projeto radical-democrático (...).
P. 119 Hegel Conflito Ordem	(...). Para Hegel, o conflito é entendido como interno à ordem sócio-simbólica, como o rompimento trágico da substância ética: Creonte e Antígona representam seus dois componentes, o Estado e família, dia e noite, a ordem legal humana e a ordem divina subterrânea.
P. 120 Argumento de Agambem Democracia Pós-política	(...) o argumento básico da análise de Agambem: para ele, não existe espaço para o projeto “democrático” de “renegociar” o limite que separa o cidadão de pleno direito do <i>Homo sacer</i> ao permitir que, gradualmente, sua voz seja ouvida; sua posição, pelo contrário, é que, na “pós-política” de hoje, o próprio espaço público democrático é uma máscara que esconde o fato de, em última análise, sermos todos <i>Homo sacer</i> .
P. 120 Agambem Adorno/Fouc.	(...) Agambem partilha (...) como Adorno e Foucault, identificam como <i>télos</i> secreto do desenvolvimento de nossas sociedades um total fechamento do “mundo administrado” em que somos todos reduzidos à condição de objetos da “biopolítica”?
P. 120 Agambem Política	(...), Agambem (...) reafirma violentamente a dimensão messiânica “revolucionária” – e essa dimensão messiânica só pode significar que a “vida nua” já não é o terreno último da política.
P. 120 Pós-política	(...), a característica fundamental da pós-política é a redução da política a “biopolítica” no sentido exata de administrar e regular a “vida nua”.
P. 121 Fechamento do projeto democrático política	(...) ênfase no fechamento de todo projeto democrático emancipatório, inscrevendo-o no <i>topos</i> contrário da ampliação gradual e parcial do espaço democrático. (...) a prática política radical em si concebida como um processo sem fim capaz de desestabilizar, deslocar, e assim por diante, a estrutura de poder, sem jamais ser capaz de solapá-la efetivamente.

P. 121 Política radic.	(...). A política radical se transforma assim numa paródia e provocação sarcástica sem fim, um processo gradual de reidentificação em que não há vitórias e demarcações definitivas.
P. 121 Eternidade	(...) Badiou, <i>o te'rocio do Ato</i> , precisa se referir à Eternidade: um ato só pode ser concebido como a intervenção da eternidade no tempo.
P. 124 Tortura ???	(...) artigos (...) que não defendem totalmente a tortura, mas que apenas a introduzem como tópico legítimo de debate, são ainda mais perigosos que uma defesa explícita (...).
P. 124 Pressupostos Éticos	(...). O problema aqui é o dos pressupostos éticos fundamentais: é claro que se pode legitimar a tortura em termos de ganhos de curto prazo (salvar centenas de vidas) – mas o que dizer das conseqüências de longo prazo para o nosso universo simbólico?
P. 124 Tortura ???	(...). A idéia de que, uma vez solto o gênio da garrafa, a tortura possa ser mantida num nível “razoável” é a pior ilusão liberal (...).
P. 126 Outro da lei Legalidade	(...) Outro da lei, pela ficção lega de legitimidade. Hoje, com a regulação pós-política da vida do <i>Homo sacer</i> , desapareceu esta última reserva dos legalistas nazistas: já não há necessidade de cobrir as medidas administrativas com o grande Outro legal.
P. 126 Biopolítica paralegal Administrar	O inesperado precursor dessa “biopolítica” paralegal em que as medidas administrativas substituem gradualmente o domínio do direito foi o regime autoritário de direita de Alfredo Stroessner no Paraguai durante a década de 1960 e 70, que trouxe a lógica do estado de exceção ao mais extremo absurdo.
P. 127 Emergência	(...) Stroessner, vivemos todos em estado de emergência por causa da luta mundial entre a liberdade e comunismo.
P. 127 Normal ???	(...) O paradoxo é que esse estado de emergência era o estado normal, ao passo que a liberdade democrática “normal” era uma exceção de curtíssima duração.
P. 127 Hoje ???	(...) A retórica de hoje não é de um estado de emergência global na luta contra o terrorismo que legitime a suspensão de direitos legais e outros?
P. 127 Explosão de patriotismo Estado de Emergência	(...) exposição explosiva do “patriotismo americano” depois do 11 de Setembro (...), é exatamente a lógica do estado de emergência: suspendendo potencialmente o império do direito; o Estado dever ter permissão para afirmar sua soberania sem restrições legais “excessiva”, pois como disso o presidente Bush imediatamente depois do 11 de Setembro, a América esta em estado de guerra.
P. 128 Paz Emerg.	(...) estamos entrando numa era em que um estado de paz em si pode ao mesmo tempo ser um estado de emergência.
P. 128 Duas lógicas do estado de emergência	(...) as duas lógicas do estado de emergência (...) a atual emergência liberal-totalitária da “guerra ao terrorismo” e o autêntico estado revolucionário de emergência, primeiramente articulado por São Paulo no que ele denominou a emergência da aproximação do “fim do tempo”.
P. 128 Característ Comum	(...). Há uma característica comum a todas as proclamações reacionárias de “estado de emergência”: foram todas dirigidas contra a agitação popular (“confusão”) e apresentadas como medidas para restaurar a normalidade.
P. 128 Desespero	(...), a proclamação reacionária do estado de emergência é uma defesa desesperada contra o verdadeiro estado de emergência.
P. 130	(...) Carl Schmitt – é que o divisor amigo/inimigo nunca é apenas uma representação de

Carl Schmitt Amigo/inim. Tarefa política	uma diferença factual: o inimigo é por definição, pelo menos até certo ponto, <i>invisível</i> ; parece um de nós; não pode ser reconhecido diretamente – essa é a razão por que o grande problema ou tarefa da luta política é oferecer ou construir uma imagem <i>reconhecível</i> do inimigo (...)
P. 130 Reconhecer	(...), o “reconhecimento do inimigo” é sempre uma atividade <i>performativa</i> que, ao contrário das aparências enganosas, traz à luz ou constrói o “verdadeiro rosto” do inimigo.
P. 131 Nossas democracias	(...) nossas democracias liberais pluralistas e tolerantes permanecem profundamente “schmittianas”: continuam a depender da <i>Einbildungskraft</i> política para lhes oferecer a figura adequada que revele o Inimigo invisível.
P. 131	(...) Inimigo ser definido como o adversário fundamentalista da tolerância pluralista.
P. 131 Inimigo passa a ser rede mundial ilegal	(...) a figura do Inimigo (...) mudança fundamental: deixa de ser o Império do Mal, ou seja, outra entidade territorial (um Estado ou grupo de Estados), mas uma rede mundial ilegal, secreta – quase virtual -, em que a ilegalidade (criminalidade) coincide com o fanatismo ético-religioso “fundamentalista” – e como tal entidade não tem <i>status</i> legal positivo, essa nova configuração resulta no fim do direito internacional (...).
P. 132 O terror.	(...) o “terror” é gradualmente elevado ao equivalente universal oculto de todos os males sociais.
DE HOMO SACER A PRÓXIMO	
P. 134 Ignorância	(...). E sou tentado a afirmar que ignorância semelhante, uma espécie de <i>epoche</i> ética é mobilizada quando somos levados a tratar alguém como <i>Home sacer</i>
P. 134 Banalidades tautológicas	As grandes frases que têm papel histórico crucial consistem geralmente em banalidades tautológicas – desde “liberdade é a liberdade dos que pensam diferente”, de Rosa Luxemburgo (...)
P. 137	(...) à condição de <i>Homo sacer</i> , o objeto de medidas disciplinares e de ajuda humanitária.
P. 137	(...), membros integrais do Estado e <i>Homo sacer</i> .
P. 137	(...). A fragilidade da atual constelação global (...).
P. 137 Amor judaico cristão	(...) a diferença entre o amor judaico-cristão pelo próximo e, digamos, a compaixão budista pelo sofrimento: essa compaixão não se refere ao “próximo” no sentido do abismo do desejo do Outro que gera a nossa ansiedade, mas ao sofrimento que nós humanos, compartilhamos com os animais (...).
P. 138 Momentos éticos Lutas	Nosso dever hoje é acompanhar esses atos, esses momentos éticos. O pior pecado é dissolver esses atos na falsa universalidade do “ninguém é puro”. É sempre possível jogar esse jogo, que oferece ganho duplo ao jogador: o de manter a superioridade moral sobre aqueles (...) que se envolvem na luta (...).
P. 138 Vitimização	(...) campanhas antiaborto? (...) participam da lógica liberal da vitimização global, estendendo-a aos ainda não nascidos?
P. 142 Decadência Reino Unido Alemanha	(...) o preconceito nacionalista no aumento recente do antiamericanismo na Europa Ocidental. (...), especialmente na França e na Alemanha: é parte de sua resistência à globalização. (...) a queixa de que a tendência recente à globalização ameaça a soberania da nação-Estado; (...) que Estados estão mais expostos a essa ameaça? (...) as (ex)potências

França	mundiais de segunda classe, países como o Reino Unido, e a Alemanha e França (...).
P. 142 Nivelamento	(...). O nivelamento dos pesos de nações-Estados grandes e pequenas deve, portanto, ser relacionado entre os efeitos benéficos da globalização.
P. 144 Indiferença Favorece	(...) a observação leninista de que, em um estado de tensão étnica, a atitude aparentemente neutra de indiferença com relação à identidade étnica, de redução de todos os membros de um Estado a meros cidadãos abstratos, favorece na verdade o maior grupo étnico.
P. 147 Universalizar	(...). A melhor maneira de ilustrar a falsidade da “guerra americana contra o terrorismo” é <i>universalizá-la</i> (...).
P. 148 Homo Sacer	(...) o aspecto de reduzir toda uma nação à condição de <i>Homo sacer</i> , submetendo-a a uma rede de regulamentos escritos e não escritos que lhes rouba a autonomia como membros de uma comunidade política.
P. 150 Ação militar De Israel	(...). A excessiva atividade militar de Israel é em última análise, uma expressão de impotência, uma impotente <i>passagem à l'acte</i> que, contrariamente a todas as aparências, não tem um objetivo claro (...).
P. 152 Anti-semit.	(...) a única forma de lutar contra o anti-semitismo não é pregar a tolerância liberal (...), mas expressar o motivo anticapitalista oculto de forma direta, não deslocada.
P. 152 Progressistas	(...) os atos concretos propostos hoje, mesmo quando se apresentam como “progressistas”, são capazes de mobilizar tópicos reacionários.
P. 152 Falso conflito	O conflito palestino-israelense (...), um <i>falso</i> conflito, (...), um deslocamento ideológico do verdadeiro antagonismo. (...), os “fundamentalistas” árabes são “islamofascistas” (...) eles desejam o “capitalismo sem capitalismo”
P. 153	(...), os israelenses defendem o princípio da tolerância liberal do Ocidente.
P. 153 Israel e a tolerância	(...). A referência israelense à tolerância liberal ocidental, entretanto, é a forma do aparecimento do terror neocolonialista do Capital; a exigência da “não-liberdade” (“fundamentalismo” reacionário) é a forma do aparecimento da resistência a esse terror.
P. 154 Pós-política Administr. Social Despolitiza.	(...). conflitos étnico-religiosos pseudonaturalizados são a forma de luta que se ajusta ao capitalismo global: nessa era da “pós-política”, em que a política propriamente dita é substituída pela administração social especializada, a única fonte legítima de conflito que resta é a tensão cultural (étnica ou religiosa). Hoje, o crescimento da violência “irracional” deve ser entendido como o correlato estrito da despolitização de nossas sociedades (...).
P. 154 Modo de existência liberal	(...). A reversão dialética hegeliana é crucial neste caso: o que parece à primeira vista ser a multidão de “restos do passado” a serem gradualmente superados com o crescimento da ordem liberal multicultural passa de repente a ser entendido como o próprio modo de existência dessa ordem liberal (...).
P. 155 Fascismo	(...) “fascismo” (...) tentativa impossível de ter um “capitalismo sem capitalismo”, sem os excessos de individualismo, desintegração social, relativização de valores e assemelhados.
P. 155 Islã Resistente à modernizar Socialismo ?	(...). E, em vez de lamentar o fato de o Islã, de todas as grandes religiões, ser a mais resistente à modernização, deveríamos, pelo contrário, ver essa resistência como uma oportunidade aberta, ainda “por se decidida”: essa resistência não tem necessariamente de levar ao “islamofascismo”, ela poderia também se articular como um projeto socialista (...).

<p>P. 155 Luta de Classes ???</p>	<p>(...) a tensão árabe-judaica não seria prova última da continuação da “luta de classes” numa forma deslocada, mistificada e “pós-política” do conflito entre o “cosmopolitismo” judeu e a rejeição muçulmana da modernidade?</p>
<p>CONCLUSÃO: O CHEIRO DO AMOR</p>	
<p>P. 158 Letargia Política</p>	<p>(...) Lê Pen representa (...) contraste com a letargia sufocante pós-política hegemônica, <i>persiste numa atitude de radical politização</i>, da paixão política (pervertida, mas ainda assim viva) propriamente dita.</p>
<p>P. 158 Mal total</p>	<p>O pior a fazer com relação aos acontecimentos de 11 de setembro é elevá-los à condição de Mal Absoluto, um vácuo que não pode ser explicado nem dialetizado.</p>
<p>P. 158 Banalidade do Mal ???</p>	<p>(...). Essa “banalidade do Mal” inexistente no caso dos ataques terroristas: os perpetradores assumiram integralmente o horror de seus atos; esse horror é parte da atração fatal que os leva a cometê-los.</p>
<p>P. 158 Nazistas Segredo</p>	<p>(...), os nazistas cumpriram a tarefa de “dar solução ao problema judeu” como um segredo obscuro que foi oculto do olhar público, ao passo que os terroristas executaram abertamente seu ato (...).</p>
<p>P. 159 Schelling Abismo do livre-arbitrio</p>	<p>(...) Schelling explicou há mais de duzentos anos, que em cada um deles temos de enfrentar o abismo último do livre-arbitrio, o fato imponderável de que “fiz por quis fazer” que resiste a qualquer explicação em termos de causas psicológicas, sociológicas ou ideológicas?</p>
<p>P. 159 Pós-ideolog.</p>	<p>(...), não é verdade que hoje, nessa nossa resignada era pós-ideológica que não admite Absolutos, os únicos candidatos a Absoluto são os atos radicalmente maus?</p>
<p>P. 160 Mal sublime Agambem Possibilidade Contingência Impossib. Necessidade</p>	<p>(...) o único Absoluto é o Mal sublime e irrepresentável. Agambem se refere às quatro categorias modais (...) possibilidade (ser capaz de ser) e contingência (ser capaz de não ser) são operadores da subjetivação; ao passo que impossibilidade (não ser capaz de ser) e necessidade (não ser capaz de não ser) são os operadores da dessubjetivação – e o que acontece em Auschwitz é o ponto em que os dois lados do eixo se unem: (...). Auschwitz é a existência do impossível, a negação mais radical da contingência; é, portanto, a necessidade absoluta.</p>
<p>P. 160 Subjetivid// Objetivid//</p>	<p>(...) a subjetividade (a abertura do espaço de contingência em que a possibilidade tem mais importância que a realidade) desaba na objetividade, em que se torna impossível as coisas não seguirem a necessidade “cega”.</p>
<p>P. 161 Auschwitz Numenal e fenomenal Realidade</p>	<p>(...)Auschwitz (...) em termos kantianos, como o curto-circuito entre o numenal e o fenomenal: na figura do <i>Muselmann</i>, o morto-vivo, o sujeito dessubjetivado, a dimensão numenal (do sujeito livre) aparece na própria realidade empírica – o <i>Muselmann</i> é a Coisa numenal que aparece diretamente na realidade fenomenal; como tal, é a testemunha do que não se pode testemunhar.</p>
<p>P. 162 Auschwitz</p>	<p>(...), o fato mesmo de ser impossível dar testemunho de Auschwitz demonstra a sua existência.</p>
<p>P. 162 Não é possível dar testemunho</p>	<p>(...). O contra-argumento de Agambem é: de fato, não é possível dar testemunho do horror último de Auschwitz – mas, e se <i>essa impossibilidade mesma estiver corporificada num sobrevivente?</i> Então, se existir uma subjetividade igual à do <i>Muselmann</i>, uma subjetividade levada ao ponto extremo do colapso na objetividade, <i>essa subjetividade</i></p>

do horror.	<i>dessubjetivada só poderia ter emergido nas condições que são as de Auschwitz...</i>
P. 163 Judeus Romanos Homo sacer	(...), os judeus aniquilados pertencem à espécie do que os antigos romanos chamavam <i>Homo sacer</i> – os que, apesar de humanos, estavam excluídos da comunidade humana, razão pela qual eles podem ser mortos impunemente, e, por essa mesma razão, não se pode sacrificá-las (porque não são uma oferenda sacrificial digna).
P. 164 Loucura ética ??? Bombardeio	(...). Há muito mais loucura ética no planejamento e execução estratégicos de operações de bombardeio em larga escala do que no indivíduo que se explode no processo de atacar o inimigo. É verdade, o objetivo último dos ataques não foi nenhuma agenda ideológica oculta nem evidente (...).
P. 164 Homem mau odeia o mal	(...), Novallis observou com perspicácia que o que o homem mau odeia não é o que bom – ele odeia excessivamente o mal (o mundo que ele considera mau), e portanto tenta feri-lo e destruí-lo tanto quanto lhe for possível -, é <i>isso</i> que está errado nos “terroristas”.
P. 164 Reações no Supereu ou Ato	(...), em vez de continuar presos num assombro debilitante diante do Mal Absoluto, o assombro que nos impede de pensar no que está ocorrendo, devemos nos lembrar de que há duas formas fundamentais de reagir a eventos tão traumáticos, que causam angústia insuportável: a forma do supereu e a forma do ato.
P. 165 Europa Duas vezes Raptada	(...). Não foi a Europa (como noção ideológica) que surgiu como resultado de dois raptos iguais de uma pérola oriental pelos bárbaros do Ocidente: primeiro os romanos raptaram e vulgarizaram o pensamento grego; depois, no início da Idade Média, o Ocidente bárbaro raptou e vulgarizou o cristianismo?
P. 166 Solução ???	(...). O aspecto mais frustrante dessa crise é que nada pode ser feito, embora todos estejam cientes de como deve ser a solução (...).
P. 167 Ideologia política em estado Puro.	(...) “O que esta em jogo agora não são diferentes opções econômicas ou políticas, mas nossa própria sobrevivência – na guerra ao terrorismo, ou vocês estão conosco ou estão contra nós”. E é aqui nesse ponto em que a referência à sobrevivência faz sua entrada em cena como legitimação última, que estamos tratando com a ideologia política em estado puro.
P. 167 Europa EUA China	(...). Será uma Europa unificada e não a resistência do Terceiro Mundo ao imperialismo americano, o único contraponto viável aos EUA e à China como as duas únicas superpotências globais.
P. 168 Oposição EUA CHINA X EUROPA Capitalismo Global ???	(...). A verdadeira oposição hoje não é a que existe entre o Primeiro e o Terceiro Mundos, mas a que existe entre o conjunto do Primeiro e do Terceiro (o império global americano e suas colônias) contra o Segundo (Europa). Comentando Freud, Adorno afirmou que o que estamos tendo no “mundo administrado” contemporâneo e sua “dessublimação repressiva” não é mais a velha lógica da repressão do Id e seus impulsos, mas um perverso pacto direto entre o Supereu (autoridade social) e o Id (impulsos agressivos ilícitos) em prejuízo do Ego. (...) no nível político, o estranho pacto entre o capitalismo global pós-moderno e as sociedades pré-modernas em prejuízo da modernidade propriamente dita?
P169 Dificuldade de assimilar	É fácil para o Império global multicultural americano integrar as tradições pré-modernas locais – o corpo estranho que não consegue assimilar efetivamente é a modernidade européia.
P. 169 China estado capitalista	(...) a China é hoje o Estado capitalista ideal: liberdade para o capital, cabendo ao Estado o “trabalho sujo” de controle dos operários. A China visto como superpotência emergente do século XXI parece assim corporificar um novo tipo de capitalismo impiedoso: descaso

ideal Impiedoso P. 170 O império Negri	pelas conseqüências ecológicas, descaso pelos direitos dos trabalhadores, tudo é subordinado ao impulso cego de se desenvolver e se tornar a nova superpotência. (...) Michel Hardt e Negri perceberam dois caminhos de oposição ao império capitalista global: ou a defesa “protecionista” da volta à forte Nação-Estado, ou o uso de forma ainda mais flexíveis de multiplicidade.
P. 170 Hard espaço Político	(...) Hardt enfatiza a nova lógica do espaço político (...) a coexistência de uma multiplicidade de agências e posições políticas que dividem a mesma plataforma, apesar de serem incompatíveis quanto à sua orientação ideológica e programática (...).
P. 170 Resistência capitalismo Equívocos	(...) a resistência de hoje ao capitalismo reproduz o mesmo antagonismo; a defesa de identidades particulares (culturais, étnicas) ameaçadas pela dinâmica global coexiste com exigências de maior mobilidade global (contra as novas barreiras impostas pelo capitalismo, interessados principalmente na liberdade de movimento do indivíduo).
P. 171	(...) Como será a “multiplicidade no poder”?
P. 171 Estado esta definindo	(...), o Estado de hoje está realmente definindo (com o advento da tão falada “desregulamentação” liberal)? Ou, pelo contrário, a “guerra ao terrorismo” não seria a afirmação mais forte ainda da autoridade do Estado? Não estaremos testemunhando hoje a mobilização inédita de todos os aparelhos (repressivos e ideológicos) do Estado?
P. 171 Novos muros	(...). <i>Esta</i> é a verdade da globalização: a construção de <i>novos</i> muros isolando os europeus prósperos do fluxo de imigrantes.
P. 171 Livre circulação ? Racismo	(...) na celebrada livre circulação aberta pelo capitalismo global, são as “coisas” (mercadorias) que circulam livremente, ao passo que a circulação das “pessoas” é cada vez mais controlada. O novo racismo do mundo desenvolvido é, de certa forma, mais brutal que os anteriores (...).
P. 171/172	(...) um desavergonhado egoísmo econômico.
P. 172 Não p/ todos	(...). O que se esconde atrás dessas medidas de proteção é a mera consciência de que o modelo atual de prosperidade capitalista recente <i>não pode ser universalizado</i> (...).
P. 172 Trabalha- Dores ???	(...), há um pacto de silêncio entre o Capital e as classes trabalhadoras (o que restou delas) – as classes trabalhadoras são hoje <i>mais</i> sensíveis à proteção de seus privilégios relativos do que as grandes empresas.
P. 172 Direitos universais do homem?	(...). Toda referência aos direitos universais do homem como “projeto inacabado” a ser gradualmente estendido a todos os povos é uma quimera ideológica vã –e, diante dessa perspectiva, temos, no Ocidente, o direito de condenar os excluídos quando usam todos os meios, inclusive o terror, para lutar contra sua exclusão?
P. 173 Terroristas Bactérias	(...). Quando os terroristas são cada vez mais descritos em termos de uma infecção virótica, de um ataque de bactérias invisíveis, é preciso lembrar que a comparação dos judeus a “bactérias” que atacam o corpo social sadio é um dos tópicos clássicos do anti-semitismo.
P. 174 Fim da democracia ? Direita	O que se esconde por trás dessas estratégias escandalosas é o fato de que a democracia (o sistema parlamentar liberal democrático estabelecido) já não está “viva” no sentido paulino do termo: o trágico é que a única forma política séria que hoje esta “viva” é a nova direita populista.
P. 174 Liberal	(...) À parte uma administração econômica anêmica, a principal função do centro liberal-democrático é garantir que nada aconteça realmente na política: a liberal-democracia é

democracia	parte do não-evento.
P. 175 Noção Lacaniana de Ato Decisão Loucura	(...) noção lacaniana de Ato: na verdade, um ato está sempre situado num contexto concreto – mas isso não significa que ele seja inteiramente determinado pelo contexto. Um Ato sempre envolve um risco radical, o que Derrida, seguindo os passos de Kierkegaard, chamou de <i>loucura</i> de uma decisão: é um passo no desconhecido, sem garantias quando ao resultado final – por que? Porque um Ato altera retroativamente as próprias coordenadas em que interfere.
P. 175 Sem Ato	(...) os que se opõem ao “Ato absoluto” se opõem também ao Ato <i>como tal</i> , querem um Ato sem Ato.
P. 175 Ato	(...) um Ato propriamente dito não pode ser contido nos limites da democracia (concebida como um sistema positivo de legitimação do poder por meio de eleições livres).
P. 176 Democracia Excesso	(...) a democracia em si não pode oferecer essa garantia; <i>não há garantias</i> contra a possibilidade de excesso – esse risco <i>tem</i> de ser assumido, e é parte do próprio campo do político.
P. 176 Neutralizar	(...), o objetivo último da “guerra ao terrorismo”, da imposição do que só se pode chamar de “estado democrático de emergência”, seja a neutralização das condições de tal Ato.
P. 177 Críticos Conservad. Réquiem	(...) críticos conservadores das sociedades ocidentais permissivo consumistas? A ameaça última não vem lá de fora, do Outro fundamentalista, vem de dentro, de nossa própria lassidão e fraqueza moral, da perda de valores claros e dos compromissos firmes, do espírito de dedicação e de sacrifícios...
PÓS-FÁCIO: A POLÍTICA DO REAL DE SLAVOJ ZIZEK	
P. 179 Esquerda	(...), o filósofo esloveno foi aos poucos firmando-se como um interlocutor maior nos debates sobre o destino do pensamento político de esquerda (...).
P. 179 Dialética	(...) resgate da tradição dialética hegeliana se encontrava como uma, até então inédita, “clínica da cultura” de orientação lacaniana.
P. 180 Psicanálise Escola de Frankfurt	(...). Uma maneira de articular a psicanálise e a tradição dialética que não deixava de remeter à estratégia, inaugurada pela Escola de Frankfurt, de reintroduzir as descobertas psicanalíticas no interior da história das idéias e de fundar uma análise do vínculo social a partir da teoria das pulsões.
P. 180	(...) Zizek (...) projeto sociofilosófico.
P. 180	(...), o que realmente marca Zizek é sua maneira de recorrer à psicanálise e à tradição dialética a fim de resgatar o projeto racionalista moderno com suas aspirações de emancipação e reconhecimento, assim como sua força de crítica da alienação. Isto talvez explique por que, andando na contramão o momento filosófico atual, Zizek prefira conservar “velhas palavras” como: universalidade fundada sobre um acesso possível ao Real, essência, verdade unívoca, sujeito agente, história onde acontecimentos ainda são possíveis, crítica da ideologia, do fetichismo, do simulacro (ou <i>semblant</i>) e outros temas das mesma constelação.
P. 181	(...) a tentativa de levar em conta tais desafios que o impulsionou a reconstruir radicalmente o sentido do projeto de modernização presente na tradição dialética.
P. 181	(...). Zizek pode, no máximo, fornecer as coordenadas gerais de um ato de “modernização

<p>Coordenar um ato de moderniz. Política Estranho Universo</p>	<p>política”, mas não há nada em sua dezenas de livros que diga respeito a protocolos de “institucionalização reflexiva” deste ato mediante a normatização reguladora de práticas sociais. Estranho universalismo este que não procura concretizar-se em realidade jurídica alguma, que se desinteressa pelo estabelecimento de regras universalmente compartilhadas e que parece só estar interessado neste ponto de suspensão no qual o ato político descola-se necessariamente do quadro jurídico.</p>
	<p>A negação do ato político</p>
<p>P. 182 Alternativa a razão centrada na consciência <i>Telos.</i></p>	<p>Sobre o sujeito lacaniano, vale a pena lembrar como a experiência intelectual do psicanalista parisiense traz, pelas vias da negação, uma alternativa à razão centrada na consciência que não implicaria necessariamente em abandono do princípio de subjetividade. Lacan é aquele que critica a transparência auto-reflexiva da consciência e o telos regulador da comunicação plena ao insistir na especificidade do campo do inconsciente e do sexual a todo e qualquer processo auto-reflexivo.</p>
<p>P. 182 Política</p>	<p>(...) Daí porque não há nada menos lacaniano do que defender a política do retorno à imediaticidade de uma experiência da origem.</p>
<p>P. 182 Inconsciente Lacaniano Resistência Negativo</p>	<p>(...) inconsciente lacaniano (...).Ele é, antes, <i>aquilo que, no sujeito, se define por resistir continuamente aos processos de auto-reflexão.</i> Ele é lugar do que só pode aparecer como irreduzivelmente negativo no sujeito. (...) descentramento do sujeito inconsciente (...) posição de <i>não-identidade</i> (...) diante dos espaços de representação, de auto-apreensão reflexiva e de identificação social.</p>
<p>P. 183 Conclusão Política Sujeito liberdade</p>	<p>(...) <i>conclusão política</i> desta “ontologia negativa” que suporta a reflexão lacaniana sobre a função do sujeito. Daí porque Žizek pode afirmar que: “O sujeito é inerentemente político no sentido que ‘sujeito’, para mim, denota uma partícula de liberdade, já que ele não fundamenta suas raízes em uma substância firme qualquer, mas que se encontra em uma situação aberta” (4) .</p>
<p>P. 183</p>	<p>(...) irreduzibilidade do sujeito (...).</p>
<p>P. 183 Sujeito Nunca é</p>	<p>O sujeito é aquilo que nunca é totalmente idêntico a seus papéis e identificações sociais, já que seu desejo insiste enquanto expressão da inadequação radical entre o sexual e as representações do gozo (...).</p>
<p>P. 183 Falso universo</p>	<p>(...)a falsa universalidade do Capital acomoda-se muito bem a esta multiplicidade (...)reivindicações identitárias (...) na esfera do mercado: para cada identidade um target com uma linha completa de produtos e uma linguagem publicitária específica)</p>
<p>P. 184</p>	<p>Para Žizek, toda política da identidade faz assim necessariamente o jogo do Capital.</p>
<p>P. 184 Contra a política das identidades</p>	<p>Contra uma política das identidades, uma política da universalidade da inadequação. O primeiro gesto político fundamental consistiria então em sustentar esta liberdade negativa dos sujeitos, permitindo que ela se inscreva no campo do reconhecimento político.</p>
<p>P. 184 Žizek Ataraxia.</p>	<p>Žizek não para aqui. Se este fosse o caso, seria difícil não transformá-lo em defensor contemporâneo da ética da ataraxia, da retórica da perpetuação da falta e da incompletude.</p>
<p>P. 184/185</p>	<p>(...) salvar o gesto revolucionário de Lênin (...) sua necessidade de defender a crença</p>

Lênin Violência criadora	em uma violência criadora que se transforma em ato revolucionário capaz de romper o ciclo de repetições e suspender a rede de diferenciais que dá forma ao nosso universo simbólico
P. 185 Ato como categoria negativa	Para Žižek, o ato é uma categoria puramente negativa, de onde se segue a necessidade de sublinhar que: “Lacan insiste na primazia do ato (negativo) a despeito do estabelecimento (positivo) de uma ‘nova harmonia’ através da intervenção de algum Significante-Mestre novo.
P. 185 Ensino de Lênin Escolha livre Possibilid//.	Žižek, o verdadeiro ensinamento de Lênin ao insistir na diferença entre “liberdade formal” e “liberdade atual”, consiste em mostrar como “a verdadeira escolha livre é aquela na qual eu não escolho apenas entre duas ou mais opções no interior de um conjunto prévio de coordenadas, mas escolho mudar o próprio conjunto de coordenadas”.
	Paixão pelo Real e crítica da ideologia
P. 186 Paixão pelo Real	(...) paixão que teria animado toda a história do século XX. Trata-se de uma paixão pelo “Real em sua violência extrema como o preço pago para nos livrarmos das camadas enganadoras da realidade”.
P. 186 Paixão Estético Política	A paixão pelo Real seria pois paixão estético-política pela ruptura, niilismo ativo apaixonado pela transgressão, pela radicalidade da violência como signo do aparecimento de uma nova ordem cujo programa positivo nunca foi exaustivamente tematizado.
P. 186 Astúcia de Žižek	A astúcia dialética de Žižek lhe permite demonstrar como tal paixão pelo Real inverteu-se necessariamente em seu contrário, anulando seu verdadeiro potencial corrosivo. (...) realizou-se em paixão pelo efeito espetacular de destruição.
P. 187 Séc. XX	(...) lições do século XX (...) mostrar como a violência criadora da política do Real normalmente acabou por acomodar-se à produção da imagem teatral de aniquilação.
P. 187 Paixão pelo Real	(...) paixão pelo Real, (...) de ser uma paixão falsa em que a implacável busca do Real que há por trás das aparências é o <i>estratagema definitivo para evitar o confronto com ele.</i> ”
P. 187 Crença contempor. Pós-ideolog.	(...) a crença contemporânea no advento de um horizonte pós-ideológico onde, por toda posição ser ideológica, nenhuma crítica é possível, Žižek engajou-se desde a primeira hora em uma reatualização da crítica da ideologia que pressupõe a mutação do próprio sentido de “crítica”.
P. 188 Psicanálise Fantasia Realização	(...) Lembremos como a psicanálise compreende a fantasia como uma cena imaginária na qual o sujeito representa a realização de seu desejo e determina um caminho em direção ao gozo. Sem a ação estruturadora da fantasia, o sujeito não saberia como desejar e estabelecer uma relação de objeto.
P. 188 Fantasia Defesa	Ao definir a fantasia como modo de defesa contra a angústia, Lacan vê, nela, o dispositivo capaz de permitir que o sujeito invista libidinalmente o mundo dos objetos e que os objetos possam adquirir valor e significação.
P. 188 Fantasia	(...) Žižek precisou fazer foi insistir na existência de uma fantasia social que estrutura a determinação do valor e da significação da realidade socialmente compartilhada.

<p>P. 188 Entender Ideologia c/ Fantasia</p>	<p>Duas conseqüências derivam-se desta estratégia de compreensão da ideologia como fantasia social. Primeiro, a ideologia deixa de ser vista simplesmente como construção reificada que impede a “descrição das estruturas que, em última instância, definem o campo de toda significação possível.”</p>
<p>P. 188 Ideologia e hermeneut.</p>	<p>Sai de cena a leitura sintomal da ideologia como distorção de uma realidade positiva primeira recalcada que deve vir à luz através de processos “hermenêuticos” de interpretação.</p>
<p>P. 189 Fantasia Modo de defesa</p>	<p>(...) a fantasia (...)é modo de defesa contra a experiência angustiante da inadequação entre o desejo e os objetos do mundo empírico. (...) a fantasia é modo de defesa contra a impossibilidade de totalização integral do sujeito e de seu desejo em uma rede de determinações positivas.</p>
<p>P. 189 Crítica da ideologia Direitos ?</p>	<p>(...) a crítica da ideologia deixará de ser feita em nome da economia política ou de algum “conteúdo latente recalcado” que sirva como princípio de descrição positiva para ser feita em nome dos direitos universais da negação no interior da esfera do político.</p>
<p>P. 190 Discurso em defesa da democracia</p>	<p>Claude Lefort e sua maneira de lembrar que o único discurso feito em nome da invenção democrática contra o totalitarismo das construções ideológicas é o discurso de defesa do lugar do povo como um lugar vazio que nunca pode ser corretamente preenchido (...).</p>
<p>P. 190 Negatividade Ao povo</p>	<p>(...) esta negatividade própria ao povo como conceito político indica como o reconhecimento do desejo popular só ocorre quando reconhecemos que nenhuma ordem jurídica pode falar em nome do povo.</p>
<p>P. 191 Pensar ...</p>	<p>Pensar um ato capaz de suportar as conseqüências de antagonismos que não se deixam apagar é, segundo Zizek, uma tarefa que está apenas começando.</p>
<p>FIM</p>	